

---

## **O USO DA MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE**

Paulo Rikardo Pereira Fonseca da Cunha  
Graduando em história pela UFRN  
[prpfc1@yahoo.com.br](mailto:prpfc1@yahoo.com.br)

O ensino, entendido aqui como uma atividade que tem por finalidade orientar, excitar e organizar a aprendizagem escolar dos discentes, se constitui numa tarefa um tanto complexa. Não adianta somente saber sobre o assunto se faz necessário saber como trabalhar esse assunto na sala de aula, para que os alunos aprendam como sujeitos autônomos.

Esse artigo tem por objetivo fazer uma ampla discussão sobre as possibilidades de usar a música no universo escolar como um instrumento importante no auxílio da prática docente. Partimos da análise teórica de vários pensadores que refletiram a música historicamente, e também como um instrumento importante para a docência. Também fomos auxiliados por autores que pensaram a prática pedagógica de uma maneira geral, seguimos a idéia de que a prática docente é muito mais do que passar conteúdos, os alunos não são meros receptáculos de informação, são seres críticos, os quais do mesmo modo podem construir conhecimentos com a ajuda do professor.

Com o subsídio desses autores foi produzido um projeto de pesquisa em ensino que foi aplicado na turma 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Prof. Amadeu Araújo, parte das ações do Estágio Supervisionado em história da UFRN. Esse texto se constitui como uma forma de diálogo entre a teoria e a prática docente do ensino de história. Buscamos analisar como o uso da música se constituiu em algo positivo para a formação escolar desses discentes.

Mas por que a escolha desse objeto de pesquisa? Acreditamos que seja altamente enriquecedora a associação da pesquisa-ação, produção de conhecimentos e a prática pedagógica. Pensar sobre a nossa prática como professores é algo essencial para que nós

---

nos tornemos melhores profissionais, comprometidos com a formação de alunos críticos, que saibam ler e analisar as informações que os cercam. Por isso quero aqui desde já mostrar minha vinculação com o pensamento de Paulo Freire, de respeito aos conhecimentos dos alunos.

A idéia do uso da música nessa empreitada se deu basicamente a partir da nossa observação do ensino brasileiro, como alunos e professores. As aulas de história são taxadas pelos alunos como “decoreba”, “para passar em história eu só preciso decorar o assunto na véspera da prova!”, grande parte dos discentes carrega esses sentimentos em relação à história. Por isso colocamos a música como elemento da prática do professor, pois os tempos mudaram, é cada vez mais raro as turmas com alunos extremamente comportados, que escutam em silêncio uma aula expositiva de mais de meia hora, agora se faz necessário o uso de novas linguagens.

A música é muito mais que um simples jogo de combinar sons, se constitui assim em uma ferramenta útil de expressão e de interação usada pelos seres humanos. Toda atividade criadora, incluindo aqui a música, revela as emoções e sentimentos de um dado grupo humano em um determinado período, a música trabalhada como fonte histórica pode nos revelar muito sobre o período que a concebeu, por isso seu uso na sala de aula como documento (letra e melodia) auxilia o professor e os alunos na produção do conhecimento histórico. A música como nos mostra o filósofo e compositor Hugues Dufourt “é uma linguagem coletiva. Como as outras artes, ela elabora signos sensíveis pelos quais os homens de um momento do mundo revelam sua vontade e esperança” (CHIMÈNES, 2007:23).

A música é uma fonte histórica não somente por causa das letras mais também de suas melodias. Ela deve ser estudada e analisada como um binômio “melodia-texto”, as letras e as melodias são elementos construídos historicamente, e ambas representam aspirações e gostos de uma determinada época e cultura. José Geraldo Vinci de Moraes assim nos explica:

(...) deve-se perceber como se instituem as relações culturais e sociais em que se acomodam elementos de gestação de uma dada música/canção urbana e da vida do autor, pois (...) elas produzem e escolhem uma série de sons e sonoridades que

---

constituem uma trilha sonora peculiar de uma dada realidade histórica. (MORAES, 2000:216)

Cada realidade influencia a produção musical de uma maneira diferente. O compositor sofre influências das idéias que foram forjadas em sua época, do nível técnico alcançado, da sua trajetória de vida e do gosto dos outros indivíduos. Vemos assim que a música representa aspectos importantes de uma sociedade.

No ensino de história os alunos precisam ter condições de participar do procedimento do fazer e construir a história. Por isso os professores de história necessitam encontrar estratégias para que o aluno como sujeito crítico possa construir o conhecimento histórico. Para a professora Maria Schmitdt essa condição pode ser alcançada com o uso de documentos pelo professor na sala de aula, por meio dos documentos os discentes são levados a construir e descobrir os conteúdos históricos. Gerando assim uma satisfação bem maior da descoberta de novas coisas através do próprio trabalho, e não mais ouvindo pacientemente o que o professor fala na sala de aula.

A música é um documento histórico, e como tal, diz muito sobre o grupo social e a época que a construiu. O trabalho com ela aproximaria os alunos do trabalho que o historiador faz com suas fontes ao interpretá-las na busca de respostas para seus problemas. O aluno através de uma atividade de análise da música, tanto a melodia como a letra, estaria observando como determinado grupo social se expressava e se comunicava.

O ensino de história se constitui numa atividade, que para nós, deve influenciar o pensamento dos alunos. É no espaço escolar que se dá justamente essa interação entre os alunos e professores, é um ambiente que todos os indivíduos da sociedade passam grande parte de suas vidas. Assim a escola “como lugar social, local de trabalho, espaço de conflitos, de formas culturais de resistência, exerce um papel fundamental na formação da consciência histórica dos cidadãos” (FONSECA, 2003:70). Apesar de ressaltarmos que não é somente no ambiente escolar que o aluno constrói essa consciência, suas experiências cotidianas também contribuem para essa formação.

---

O ensino de história deve estar situado muito além das especialidades, a história deve estar em constantes diálogos com outros saberes. Pois é através desses saberes que os alunos e o professor os reconstróem, constituindo assim o saber escolar, segundo afirmou Selva Fonseca.

O papel social da história é formar a consciência histórica, possibilitando a construção de identidades e a intervenção de sujeitos ativos na realidade social, econômica e política. A história se constitui numa disciplina importante para a formação crítica dos indivíduos.

Essa análise busca estudar como o professor pode ajudar na formação dos alunos com a ajuda de novas linguagens, como a música que é o nosso foco aqui. Para isso passamos uma temporada numa sala de aula, orientados pelo trabalho da professora Marli André, que nos apontou a contribuição dos estudos do tipo etnográfico orientados para a prática escolar.

A ênfase de André se dá sobre a associação de duas formas de pesquisa: a do tipo etnográfica e a pesquisa-ação. Foi a associação desses dois tipos de pesquisa utilizados para comprovar nossas hipóteses.

Após essa parte mais teórica, vamos nos debruçar agora sobre a prática docente. A turma na qual essa pesquisa foi realizada era composta por alunos da periferia de Natal com idades que variavam dos 13 aos 17 anos. Passei 16 aulas com esses discentes e a “matéria” que me destinaram foi a “Ditadura Militar Brasileira (1964-1985).

A associação de duas formas de pesquisa pensadas por André foi usada na composição do projeto: a pesquisa do tipo etnográfica que se caracteriza pelo uso de entrevistas e observação participantes. Desenvolvemos dois questionários para serem respondidos pelos alunos, o primeiro continha as seguintes perguntas: “1) A aula de história lhe agrada? Por que? 2) Quais suas sugestões para a disciplina? 3) Em relação à música, quais seus estilos favoritos?” e foi aplicado na primeira aula; e outro aplicado na aula derradeira com as seguintes questões: “1) Depois dessas aulas, como você avaliaria a disciplina? 2) Você acha que o uso da música lhe auxiliou de alguma forma na disciplina? Como? 3) Sua visão sobre a música de uma maneira geral sofreu

---

mudanças? Quais foram?”. Questionários que auxiliaram na solução dos problemas propostos.

Além desse tipo de artifício usado na pesquisa, utilizei o que nossa autora chama de observação participante. Estava numa sala de aula como professor, e não num laboratório, o dia-dia dos alunos na turma era influenciado pela minha participação, pois era o professor da turma, orientava e empreendia as atividades. E por meio dessas atividades e da observação dos alunos observei se a música terá alguma utilidade no ensino escolar.

Também utilizei o conceito de pesquisa-ação que se caracteriza pelo envolvimento de “um plano de ação, plano esse que se baseia em objetivos, em um processo de acompanhamento e controle da ação planejada e no relato concomitante desse processo” (ANDRÉ, 2005:33). Tinha um plano de ação, que seria o modo como iria atingir os meus objetivos por meio da ação planejada (a metodologia do Projeto), e após cada aula escrevia um relato de como tinha se processado a experiência docente com uma análise das ações dos alunos.

Trinta alunos responderam o primeiro questionário. Na primeira questão, dezenove alunos escreveram que gostam da disciplina, a grande maioria gosta da disciplina por que acham interessante estudar o passado. Outros alunos afirmaram que a disciplina tinha momentos interessantes e momentos chatos. E alguns descreveram que todo professor de história só gosta de copiar.

A fala desses alunos nos aproxima do pensamento freiriano, o aluno não é um “banco” no qual depositamos conhecimentos. Por isso em muitas escolas a disciplina de história ainda taxada de “decoreba”, é preciso unicamente saber datas e nomes, copiar o assunto do quadro. No entanto, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou construção” (FREIRE, 2006:47). A música entraria aqui como um elemento que aproximaria o conhecimento histórico da realidade do aluno, pois a música faz parte do dia-dia de muitos brasileiros.

Na segunda questão do questionário, referente as sugestões, muitos alunos sentem a necessidade de aulas mais interessantes e divertidas (passeios, filmes e

---

ilustrações foram citadas pelos alunos). O ensino de história deve ir muito além da especialidade, o professor deve procurar essas linguagens mais dinâmicas, as quais os discentes estão acostumados.

E para darmos início ao trabalho com músicas, perguntamos na terceira questão o gosto musical de cada aluno. Os estilos que tiveram mais votos foram o gospel, o pop e o forró. Tentamos unir o útil ao agradável, buscando relacionar esses gostos com o conteúdo.

Numa das aulas que usei música levei para os alunos duas composições: “Pegue aqui” do grupo de forró cearense Aviões do Forró; e “Cálice” de Chico Buarque e Gilberto Gil. Comecei a aula colocando para tocar a composição dos artistas da banda de forró. Muitos da sala gostaram e até acompanharam a letra, outros nem tanto. Após o final da mesma perguntei aos alunos o que eles acharam da música, muitos fizeram elogios a ela e outros fizeram críticas. Parte dos alunos afirmava que a música tinha conotações eróticas enquanto outros asseguravam que se tratava de uma música de amor. A partir dessa discussão falei sobre o duplo sentido presente na música. O artista fez um jogo de palavras que apresentavam ambigüidades, esse efeito tem o objetivo de dar a música um toque de humor.

Logo após desafiei eles a procurarem o duplo sentido da música “Cálice”, ao final alguns alunos falaram de alguns elementos da composição que fazem referências ao Regime Militar, como por exemplo, “como é difícil acordar calado” ou “esse silêncio todo me atordo”. Mas logo um grupo de discentes falou sobre a repetição da palavra cálice, que na verdade seria um cale-se. Logo após repassei a música, mas dessa vez me atendo a letra e explicando-a para os alunos. Discuti nesse momento as estratégias usadas por esses artistas para criticarem a Ditadura, usando a ambigüidade em suas letras.

Por meio da música “Cálice” (documento) os alunos foram levados a construir e a descobrir os conhecimentos históricos. Os textos que pedi para os alunos produzirem e as discussões demonstraram que o uso da música se constitui em algo positivo, e até na

---

última aula, vi alguns discentes brincando um com o outro usando a palavra cálice para fazer o amigo se calar.

Ainda trabalhei com eles as músicas de propaganda do Regime (“Pra frente Brasil” de composição de Miguel Gustavo e “Eu te amo, meu Brasil” de Dom e Ravel) e outras músicas contrárias a ditadura (“Apesar de você” de Chico Buarque e “Flores e canhões” de Geraldo Vandré). Levei as letras e juntos analisamos as músicas.

Na última aula, apliquei o outro questionário, o qual as perguntas já foram aqui postas. Nesse questionário trinta e quatro alunos do 9º ano deram suas opiniões sobre a minha prática docente. Não havia local para se identificarem, pois isso podia inibir o aluno a escrever a verdade com medo de represálias na nota.

A primeira questão referente a avaliação da disciplina com o novo professor, se mostrou positiva. Apenas um aluno respondeu negativamente, nas palavras dele, “a disciplina foi mais ou menos”.

Os alunos que responderam positivamente a questão enfatizaram que houve uma maior aprendizagem dos conteúdos, ou por causa das posições professor ou pelo uso de novos métodos. Vários falaram que a disciplina se tornou “menos chata”, pois a carga de cópia foi minimizada. Ao longo da minha estada, percebi que muitos tinham certa aversão a professores que apenas copiam e expõem oralmente sem procurar modificar suas práticas. A resposta positiva a essa questão demonstra que a tentativa do professor de se aproximar da realidade dos alunos, buscando instrumentos presentes no cotidiano dos discentes se constitui em algo bom na aprendizagem da disciplina.

Já na segunda questão três alunos responderam que a música não auxiliou na disciplina, apesar de um deles escrever que passou a compreender melhor a ditadura militar implantada em 1964.

Os restantes dos discentes afirmaram que a música auxiliou na disciplina, pois tornaram as aulas menos chatas e mais divertidas. Alguns ainda enfatizaram que a análise das músicas era importante na interpretação do passado, indo ao encontro com aquele pensamento de que a música traz aspectos da sociedade que a construiu. Enfim

---

achei interessante a frase de um dos meus alunos, “a música despertou uma coisa que nenhum professor tinha passado”. Essa frase tem uma grande carga simbólica para meu trabalho, pois o aluno se posicionou favoravelmente frente a meu trabalho. Afirmando que com uso da música ele aprendeu mais e teve um prazer que nenhum outro professor lhe proporcionou. As expressões sonoras têm essas qualidades.

As respostas à última questão me surpreenderam um pouco. Muitos (treze alunos) escreveram que sua visão sobre música não sofreu alterações, quando acabaram de dizer na outra questão que a música os auxiliaram na disciplina. Talvez eu não tivesse sido tão claro na formulação da mesma, já que alguns pensaram que eu estava perguntando se o gosto musical deles tinha se modificado.

No entanto, vinte alunos, a maioria, ressaltaram que sua visão sobre música foi modificada, pois viram que ela pode ser usada para a aprendizagem da disciplina. Alguns falaram que aprenderam sobre as diferenças entre as músicas de hoje e as músicas de ontem, correram sobre a maior liberdade de expressão dos artistas na nossa sociedade atual.

Nesse período de docência observei que alguns alunos antes taxados de “maus alunos”, participaram ativamente das discussões, produziram textos e análises, que dentro da realidade deles, possuíam uma qualidade muito grande. Por isso resalto aqui a importância do uso de novas linguagens na sala de aula, para o discente a aula de cópia não era muito interessante, mas quando ele é levado a pensar e construir seus próprios saberes, aí sim ele mostra todo seu potencial.

Vimos às vicissitudes da prática docente, e como os alunos responderam positivamente a hipótese levantada. A música se constituiu numa importante aliada dos professores de história, funcionando como um documento histórico que fala muito sobre um determinado grupo em um determinado tempo, os quais proporcionaram que os alunos construíssem um conhecimento histórico a partir de suas análises das composições musicais. E também como elementos que aproximam mais o conhecimento da realidade do aluno. Como observamos no uso de uma popular música de forró para explicar uma composição do tempo da ditadura militar.

## Bibliografia

ABUD, Kátia. Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe (Org). **O Saber Histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

CHIMÈNES, Myriam. Musicologia e história. Fronteira ou “terra de ninguém” entre duas disciplinas? **Revista de História**. São Paulo: Humanitas, n. 157, p. 15-29, 2007.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências e aprendizados**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 203-221, 2000.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (Org). **O Saber Histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.